

# Caderno 2

ARTES E LAZER

VITÓRIA (ES), QUINTA-FEIRA,  
24 DE JANEIRO DE 1980

AM7608

## VILA VELHA



Em Santa Rita a paisagem não muda: palafitas e muita miséria

*O retrato do abandono, da pobreza e do desinteresse*

# O retrato do abandono, da pobreza e do desinteresse

Texto de Júlio Fabris,  
fotos de Joedir Secreta

**Um dos municípios mais populosos do Espírito Santo — e também um dos mais precários — Vila Velha convive com graves problemas de infra-estrutura urbana e baixa arrecadação tributária. Os problemas vêm se agravando a cada dia que passa e as soluções tendem a se tornar mais difíceis. Nesta reportagem o prefeito Américo Bernardes denuncia o sistema tributário que, segundo ele, favorece a União em detrimento do município, e acusa o ex-governador Elcio Álvares de haver tirado todas as indústrias de Vila Velha para instalá-las em Carapina.**

**U**m município de 180 mil habitantes, dos quais 107 mil vivem em palafitas e barracos, onde não há hospital, corpo de bombeiro, biblioteca pública e onde impera nos bairros pobres e alagadiços — quase todos do município — a verminose e a esquistossomose.

Este é um breve mas eloquente retrato de Vila Velha, um dos municípios que constituem a Grande Vitória. Tida como uma cidade-dormitório, ele ressentiu-se historicamente de uma infra-estrutura que lhe torne independente de Vitória. Os habitantes desta cidade recorrem sempre à Capital,

quando é preciso fazer uma compra mais ambiciosa, quando se quer ir a um cinema, ou mesmo quando se busca um emprego.

Em função de toda esta situação, apesar de ser um dos municípios mais populosos do Estado, Vila Velha é o sexto em arrecadação tributária, ficando atrás de Vitória, Cariacica, Cachoeiro de Itapemirim, Colatina e Linhares. E nem podia ser diferente, pois Vila Velha está longe de ser um centro comercial ou industrial.

A revelação feita de que 6,3% da população do município vivem em condições bastante precárias apenas evidencia o que um passeio pela cidade de Vila Velha revela aos olhos do itinerante: bem cuidada e demonstrando ser realmente uma região habitável pelas condições de infra-estrutura de transporte urbano e saneamento básico só a região central da cidade, nas imediações da prefeitura, a Praia da Costa e parte da Glória. Afastando-se desses pontos, presencia-se a completa falta de calçamento de ruas, a ausência na maioria das casas de rede de esgoto, além de um serviço precário de água, como também de ônibus.

Cobi, Santa Rita ou Ilha das Flores são alguns dos bairros mais precários, como reconhece o prefeito do município, Américo Bernardes. Ele explica, inclusive, que todos estes problemas urbanos, que se apresentam hoje quase como insanáveis a curto prazo em vista das limitações estruturais e financeiras do Executivo municipal, têm origem na própria formação da população vilavelhense.

De fato, Vila Velha absorve hoje 4,3% da população migrante que se dirige para a Grande Vitória. A existência de grandes extensões de terras desocupadas é um convite para que toda esta gente se instale no município. Mais de 90% de sua área é constituída de regiões baixas, geralmente

terrenos alagadiços. E é aí que os migrantes oriundos do interior do Estado preferem instalar-se e formam-se então os bairros periféricos que se alastram em todas as direções em torno do centro da cidade e da rodovia Carlos Lindenberg.

Em função deste simples fato, é bastante compreensível que os números revelem um município profundamente carente: dos 107 vilavelhenses que vivem em condições precárias, 9,3% não contam com coleta de lixo — apesar de o prefeito Américo Bernardes assegurar que, no ano passado, a prefeitura arrecadou com a taxa de recolhimento de lixo pouco mais de Cr\$ 200 mil e investiu cerca de Cr\$ 3 milhões na coleta.

## FALTA DE SANEAMENTO

O lixo não é, entretanto, o único problema da região: daqueles 107 mil vilavelhenses, 49% são atendidos por fossa, enquanto os outros 51% restantes não têm qualquer tipo de recolhimento. Dos habitantes que vivem mal no município, 81% contam com rede de água mas, destes, 35% não têm serviço regular. Indagado sobre a possibilidade de reverter-se a curto prazo essa situação, Américo Bernardes responde que "para sanar os problemas mais imediatos tem-se que mudar a política da Federação em relação aos municípios. Com esta política que existe hoje, o município não vai para a frente".

Segundo o prefeito, Vila Velha, do jeito que está hoje, não pode solucionar seus problemas de saneamento básico. Por isso mesmo, sua esperança é a vinda, a Vitória, do ministro do Interior, Mário Andreazza, que vai assinar convênios para levar à frente o plano pro-morar. Este plano visaria, antes de mais nada, ao melhoramento da vida das classes menos favorecidas.

E por que o município não pode

solucionar por si mesmo seus problemas? Isto tem a ver com a própria estrutura tributária do Brasil atualmente. Janes França Martins, ex-diretor administrativo em governos passados e morador do município, enfatiza que o sistema criado pela Revolução tirou dos municípios os meios necessários para que resolvessem seus problemas mais imediatos sem recorrer ao governo federal ou mesmo ao governo estadual. "O problema todo é o sistema tributário que a Revolução criou, no qual quem tem dinheiro e a União. Em função disso, quase todos os municípios estão em dificuldades" diz

## AS TAXAS

Segundo o prefeito Américo Bernardes, o governo exauriu do município o imposto de indústria e profissão, o imposto sobre minerais e o imposto inter-vivos. Este último é o imposto cobrado quando um terreno, por exemplo, é transferido de um proprietário para outro. Com relação ao imposto sobre mineração — que antes cabia ao município e agora fica com a União — Américo Bernardes lembra que eram os depósitos da Esso e da Shell as maiores fontes de arrecadação do município de Vila Velha.

Em função disso, ele pergunta: "Onde está a autonomia do município?". Geralmente, o dinheiro desses impostos é canalizado para a União e volta — nem sempre, é claro — sob a forma de fundos. Américo Bernardes lembra, contudo, que praticamente todos os fundos já vêm discriminados, com sua aplicação definida a nível superior: "Tanto o Fundo de Participação dos Municípios quanto o Fundo Rodoviário e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Urbano vêm com seus recursos definidos para certas aplicações. O Executivo municipal praticamente não tem autonomia ao

aplicar os recursos provenientes destes fundos".

Contudo, permanecem ainda sob a esfera municipal o Imposto Sobre Serviços, o Imposto Predial e o Imposto Territorial Urbano. Ainda assim, Américo Bernardes volta a afirmar que "a prefeitura não tem condições de reverter a situação urbana. O município vive a expensas do governo federal. As próprias arrecadações são feitas pelo governo federal ou estadual, como o ICM".

Este é, todavia, um problema comum a todos os municípios, não sendo Vila Velha a única vítima. Mas este município tem um agravante especial: cerca de 70% da população da cidade não paga seus impostos. Américo Bernardes justifica esta omissão dos municípios dizendo que os migrantes do interior e de outras cidades que se instalam nos arredores de Vila Velha, não procuram sequer regularizar a situação do terreno na prefeitura e, da mesma forma, não se preocupam em pagar os impostos à prefeitura.

## A COMUNIDADE

Janes França evoca uma outra característica do município de Vila Velha que, de certa maneira, explica a falta de pagamento de impostos. Segundo ele, a população de Vila Velha, exatamente por absorver boa parte dos migrantes que se dirigem para a Grande Vitória, é constituída por pessoas que não nasceram neste município. Em função disto, nota-se um profundo desinteresse da população pelos problemas da comunidade.

— A população de Vila Velha não tem preocupações locais, consciência comunitária. Não existem sequer lideranças. Como exemplo, podemos ver que não há um representante de Vila Velha na Câmara

Estadual. Os moradores de Vila Velha votam em representantes de Cachoeiro, de Alfredo Chaves, de Colatina, porque eles são de lá. No período parlamentar passado havia o Teixerinha e o Max Mauro. Agora não há mais qualquer um, diz ele.

Janes lembra que toda cidade interiorana apresenta o hábito dos moradores se reunirem em bares ou praças para discutirem diversas coisas, entre as quais os problemas do município mas em Vila Velha não existe tal hábito.

## BIBLIOTECA

Como exemplo do desinteresse da comunidade pelas coisas do município, vale lembrar que há anos existia num prédio pertencente à prefeitura, na Prainha, uma biblioteca pública. Não oferecia muitas opções, mas podia-se encontrar bons autores. Ocorre que o prefeito Solon Borges acabou com a biblioteca, empilhando os livros num antigo centro de geriatria existente perto da residência de verão do governador, onde estão até hoje. A população da cidade sequer sentiu a falta da biblioteca. Entretanto, o prefeito promete que até a metade do ano ela será aberta de novo.

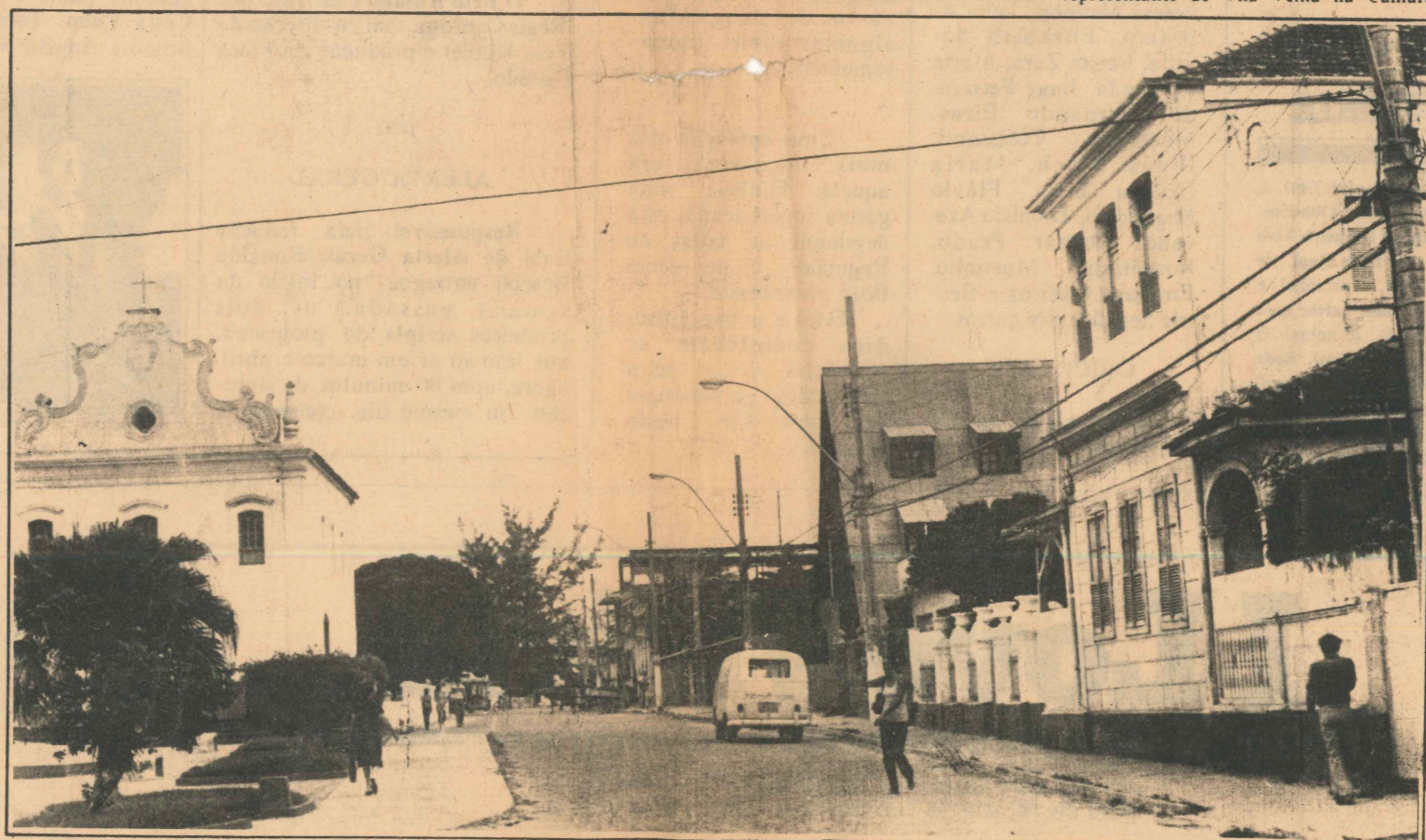
Mas a cidade não é só carente de biblioteca. Não existe em Vila Velha um corpo de bombeiros. Em caso de um incêndio, conta-se com o de Vitória. Hoje a situação do tráfego torna um pouco mais viável tal expediente. Mas na época em que as Cinco Pontes viviam engarrafadas, um incêndio de maiores proporções poderia ter consequências trágicas. Da mesma forma, Américo Bernardes garante que haverá um corpo de bombeiros no município até o final deste ano. Alia-se todos estes fatos a inexistência de um hospital. So há o ambulatório da maternidade. Em termos dos bairros periféricos, 60% deles têm postos de saúde próximos. Mas, destes 60%, em 52% o atendimento é tido como péssimo. E em 54% dos bairros não há uma alternativa de outro posto de saúde próximo.

Janes França, ao falar de Vila Velha, levanta até a questão de problemas um pouco mais triviais. Segundo ele, quem tem o hábito de andar do centro da cidade até a Praia da Costa sofre com a falta de calçadas, pois o número de buracos é grande. Ele lembra que a prefeitura pode exigir que os moradores construam calçadas em frente de suas casas conforme padronização da própria PMVV. F acentua que seria uma ótima medida para bairros onde não há calçamentos nas ruas e onde em tempo de chuvas, a população passa maus bocados. E isto poderia se feito através de recursos da própria prefeitura, obtidos através de financiamentos.

O orçamento do município de Vila Velha é de Cr\$ 180 milhões. Para se ter um marco de referência, Cachoeiro de Itapemirim com a população ligeiramente menor que a de Vila Velha, tem um orçamento municipal na ordem de Cr\$ 300 milhões. Sobre isto, declara Américo Bernardes: "Nos tivemos um algoz, que é o sr. Elcio Álvares. Ele tirou todas as indústrias de Vila Velha para colocá-las em Carapina. Eu não sei porque foram colocar as indústrias em Carapina se os operários moram em Vila Velha. Isto acentuou a característica de cidade dormitório e todos os seus problemas".



A região da Prainha é privilegiada com uma paisagem mais agradável



O prefeito Américo Bernardes reclama autonomia para o município